

## CONTOS

### BLINDAGEM

João Vitor Moreira

O coro das buzinas anunciava o início da semana. Os apartamentos partilhavam, além dos dutos de água fria, o cheiro de café coado nas cozinhas recém amanhecidas e segmentadas entre si pelo concreto, pelas realidades particulares dos residentes.

Na janela do duzentos e oito, ele ainda se debruçava em pensamentos de domingo: contemplava ali embaixo, no trânsito da vida, os carros que, um atrás da outro, iam e vinham sistematizados segundo a lógica do urbano, indiscerníveis senão pelo aço que confinava o íntimo no banco da frente, esmagando-o detrás da carapaça encerada que legislava sobre aquela quase existência.

Os dois últimos goles na xícara o devolveram ao mundo. Há cinquenta e quatro anos, ele se valia do café para encerrar a noite – mau hábito apreendido aos dezenove, ou vinte, não importa, quando esteve pela primeira vez em uma redação, pleno de suas convicções universitárias e de sua profissionalíssima (quando não neurótica) busca pela verdade, a qual no mais tardar lhe garantiria o Pulitzer, algum prestígio nacional e, não menos importante, uma caneta Montblanc. As gretas e furos na parede, no entanto, sugeriam quem havia se tornado – não um desiluso infeliz, apesar de também sê-lo na medida social humana, mas alguém cujas certezas foram anestesiadas pela vida. Ainda assim traía-se no cotidiano do ofício, oferecendo sua razão enlatada àqueles que o retribuíssem na moeda do clique. Traía-se porque os fatos não noticiados da vida são insensíveis a crenças de qualquer natureza.

Estava em uma escrivaninha pouco à frente da janela. O que escreveria a respeito do suicida que, na noite passada, antes da própria desgraça anônima, baleou três vezes o seio esquerdo da mãe? Restava-lhe a página branca e o silêncio ressonante. A morte, afinal, é o que há de mais mudo, uma mudez indiferente ao alarde dos telejornais matutinos que condenariam o jovem delinquente, afastando-o do que se diz ser humano pelo bem do sono em Brasília. Dariam-no o gene da loucura, da perversão. Explicariam (pois o átomo há de sempre se explicar) que, quando ainda no útero quente, já era sangue que o alimentava – por isso desejou sedento abrir o seio da mãe não uma, não duas, mas três vezes, e bebeu cada gota como a que besta de berço que fora.

Por fim era ele o alvo dos três disparos. O chumbo lhe furou a carcaça, invadindo sua carne renunciada das blindagens e ferindo em si o que existia de mais esburacado: a verdade. Lá fora, os tribunais e os

blocos de estatística ruíram em pó ao vento. Enfim libertos, nus de arquitetura, os espíritos se penetravam, melando-se uns aos outros de ideias e carmas e calores. Houve luz na capital, a luz que não é nem substância nem utopia.

O relógio indicava 06h51min.

Arranha-céus e blocos de estatística censuravam o Sol. Da poeira se reedificou o concreto. Vestiu-se então o homem.

E o mundo se fez duro outra vez.

Ele sentiu o estômago roncar em jejum. Diante de si a página branca.

Das vísceras pariu palavras que, tal como a fome, não reconhecia como suas. Mas sendo os fatos irreduzíveis, deu-lhes seu sobrenome:

Assinou, em tempo, a coluna da manhã.

Na padaria da esquina, um magistrado lamentava a mãe morta.

Era segunda-feira.